

Práticas Pedagógicas De Professores De Educação Física Para Alunos Com Deficiência Múltiplas Na Rede Municipal De Ji-Paraná

Pedagogical Practices of Physical Education Teachers for Students with Multiple Disabilities in the Municipal Network of Ji-Paraná

DOI:10.34117/bjdv7n3-319

Recebimento dos originais: 10/02/2021

Aceitação para publicação: 14/03/2021

Regiane Caris dos Santos

Mestra em Educação Escolar

Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná/Afya Educacional

Endereço: Rua Santa Izabel, 719, B. Jardim Presidencial, Ji-Paraná – RO

E-mail: regianecaris@hotmail.com

Juliano Viliam Cenci

Mestre em Educação

Instituto Federal de Rondônia-IFRO

Endereço: Rua Santa Izabel, 719, B. Jardim Presidencial, Ji-Paraná – RO

E-mail: juliano.cenci@ifro.edu.br

RESUMO

Cada aluno é diferente no que se refere ao estilo e ao ritmo da aprendizagem. Conhecer os alunos pode ajudar os educadores a identificar os apoios necessários para que participem plenamente e em igualdade de condições da vida escolar. O objetivo deste trabalho foi analisar as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física e os desafios enfrentados ao receber alunos com deficiência múltiplas, de modo que se possam promover ações mais efetivas para essa população. A metodologia adotada foi a Pesquisa Participante, o que permitiu uma intervenção através da mobilização e cooperação dos próprios sujeitos participantes da realidade estudada. A pesquisa foi realizada na cidade de Ji-Paraná com 18 professores de Educação Física. Durante o desenvolvimento das ações foi observado que alguns dos participantes não souberam lidar com o aluno que tem deficiência múltipla, demonstrando suas dificuldades em encontrar uma forma de incluir. A falta de comunicação adequada também é um fator que acaba dificultando o processo de inclusão. Concluímos que ainda existem muitas dificuldades por partes de alguns professores ao trabalhar a inclusão de alunos com deficiência múltipla. Por isso é essencial que o professor de Educação Física conheça seus alunos e reflitam sobre suas práticas, se ela está sendo inclusiva ou excludente, e assim ofertar uma aula de Qualidade Onde Todos Consigam Participar.

Palavra-chave: Educação Física. Deficiência Múltipla. Práticas pedagógicas. Inclusão.

ABSTRACT

Every student is different in terms of learning style and pace. Knowing the students can help educators to identify the necessary supports for them to participate fully and equally in school life. The objective of this work was to analyze the pedagogical practices of

Physical Education teachers and the challenges faced when receiving students with multiple disabilities, so that more effective actions can be promoted for this population. The methodology adopted was Participant Research, which allowed an intervention through the mobilization and cooperation of the participants themselves. The research was carried out in the city of Ji-Paraná with 18 Physical Education teachers. During the development of the actions it was observed that some of the participants did not know how to deal with the student who has multiple disabilities, showing their difficulties in finding a way to include. The lack of adequate communication is also a factor that hinders the inclusion process. We conclude that there are still many difficulties on the part of some teachers in working with the inclusion of students with multiple disabilities. Therefore, it is essential that Physical Education teachers get to know their students and reflect on their practices, whether they are being inclusive or excluding, and thus offer a quality class where everyone can participate.

Key-words: Physical Education. Multiple Disabilities. Pedagogical Practices. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com deficiência no contexto escolar, a democratização do conhecimento e as garantias aos direitos fundamentais são temas que têm sido frequentemente discutidos na atualidade. É preciso reconhecer que houve um certo avanço em relação a legislação, embora ainda existam uma dicotomia muito grande entre aquilo que a lei determina, e aquilo que realmente tem sido feito. Isso ocorre uma vez que com a criação de leis específicas acreditava-se que trataria de colocar a questão da inclusão escolar como uma demanda já resolvida.

No entanto, se para aqueles que não possuem limitações físicas ou intelectuais aprender e conseguir se formar no tempo certo já é um enorme desafio, para aqueles que possuem algum tipo de deficiência isso se torna quase impossível. A realidade é que nas escolas brasileiras muitos alunos ainda permanecem sem conseguir efetivamente participar e aprender durante as aulas, dificultando ainda mais o processo de inclusão e das garantias aos direitos fundamentais do cidadão.

Entendemos a prática vivenciada por meio de oficinas são oportunidades pertinentes para que os professores de Educação Física possam refletir e compreender as principais barreiras que impedem a inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares de ensino, mudando assim sua prática e estabelecendo medidas eficazes para a inclusão escolar.

Com o propósito de realizar algumas reflexões acerca da inclusão nas aulas de Educação Física, importa relacionar os aspectos inerentes a inclusão de crianças com deficiência na escola comum. Nesse sentido, o que se pretende com este estudo é analisar as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física e os desafios enfrentados ao

receber alunos com deficiência múltiplas, de modo que se possa promover ações mais efetivas para essa população.

2 METODOLOGIA

Para alcançar aquilo que foi proposto, utilizamos como metodologia a Pesquisa-Ação, o que permitiu uma intervenção através da mobilização e cooperação dos próprios sujeitos participantes da realidade estudada. Esta metodologia se distingue das demais por apresentar uma dinâmica prática que envolve ativamente reflexões por parte dos participantes, ao mesmo tempo que se estabelecem propostas para resolução dos problemas enfrentados.

Ao tratar do caráter metodológico da pesquisa-ação, Thiollent (1985, p. 14) explica que:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Como pode ser observado, a Pesquisa-ação parte da necessidade de resolver uma situação de um problema coletivo, e para isso envolve de forma cooperativa os indivíduos pesquisados sob a coordenação do pesquisador. Portanto, através deste método foi formado os grupos para estudar e propor práticas pedagógicas inclusivas para alunos com deficiência múltipla.

A pesquisa foi realizada na cidade de Ji-Paraná – RO, com 18 professores de Educação Física. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário fechado com o propósito de fazer um levantamento e identificar qual o tipo de deficiência os professores de Educação Física consideravam mais difícil para desenvolver em suas aulas. A partir das respostas obtidas ficou evidenciado a deficiência múltipla (DM), a partir de então foi criado uma oficina com esta temática e realizado reflexões das práticas pedagógicas inclusivas na Educação Física. A oficina aconteceu em uma escola municipal da cidade de Ji-Paraná, pois nela havia espaço para realização das práticas propostas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para realizar a oficina os professores foram divididos em 4 grupos. Cada grupo deveria propor uma ou duas ações (atividades) para trabalhar com os DM nas aulas de Educação Física. Para que houvesse um melhor aproveitamento da temática os

professores acharam melhor fazer um sorteio de acordo com a classificação¹ da DM proposta pela Fenapaes (2011) e assim foi feito o sorteio das temáticas.

Os grupos tiveram liberdade para pensar e propor ações que considerassem interessantes para incluir os alunos com deficiência múltipla nas aulas de Educação Física, para isso foi determinado um tempo de planejamento. A parte prática desta oficina ocorreu no pátio de uma escola municipal. Antes dos grupos começarem a aplicar suas atividades, a pesquisadora desenvolveu uma atividade prática com todos os grupos para uma breve reflexão.

A atividade desenvolvida chama-se “Construção de castelo” a proposta desta atividade consiste em construir um castelo com os materiais que receberam e todos deveriam participar da atividade independente da deficiência que os colegas do grupo possuía. O objetivo da dinâmica é que os grupos vivenciassem as dificuldades e facilidades trabalharem em equipe, tendo como integrantes Pessoas com Deficiência, neste caso os próprios professores simularam o papel de aluno com DM.

Os quatro grupos tiveram de 4 a 5 participantes, e receberam os seguintes materiais: uma tesoura, uma cartolina, uma caixa de lápis de cor e uma caixa de giz de cera, um tubo de cola branca e canetas coloridas. Em cada grupo a pesquisadora sugeriu de um a dois participantes para vivenciar a experiência de ser um DM, cada grupo teve a liberdade de definir quem iria representar.

A imagem 1 mostra como os grupos se organizaram para realizar a atividade proposta:

¹ O grupo 01 ficou com deficiência física e psíquica para (a) deficiência física associada à deficiência intelectual e (b) deficiência física associada à transtorno mental. O grupo 02 ficou com a categoria sensorial e psíquica (a) Deficiência auditiva ou surdez associada à deficiência intelectual; (b) Deficiência visual ou cegueira associada à deficiência intelectual; (c) Deficiência auditiva ou surdez associada a transtorno mental. O grupo 03 ficou responsável por desenvolver atividade para a categoria sensorial e física, ou seja, para (a) Deficiência auditiva ou surdez associada à deficiência física; (b) Deficiência visual ou cegueira associada à deficiência física. E o grupo 04 ficou responsável para desenvolver atividade para a categoria física, psíquica e sensorial, classificada na Fenapaes (2011) como (a) Deficiência física associada à deficiência visual ou cegueira e à deficiência intelectual; (b) Deficiência física associada à deficiência auditiva ou surdez e à deficiência intelectual; (c) Deficiência física associada à deficiência visual ou cegueira e à deficiência auditiva ou surdez.

Imagem 1 - Formação dos pequenos grupos



Fonte: Regiane Caris dos Santos

No primeiro grupo uma participante atuou como alguém que possuía deficiência auditiva, para caracterizar foi colocado uma fita em sua boca para não falar e simular que era surda. No segundo grupo havia uma participante que vivenciou um aluno com deficiência visual, neste caso foi colocado uma venda tapa olhos e outro participante representou aluno com deficiência física (hemiplegia), onde amarramos com um barbante sua mão direita junto ao seu pé direito. Já no terceiro grupo havia um deficiente visual com deficiência física (não tinha as mãos), amarramos suas duas mãos juntas e colocamos a venda em seus olhos. No quarto grupo havia um deficiente visual e intelectual que usou venda para os olhos.

Cada grupo vivenciou o desafio de elaborar uma atividade para incluir seus colegas que tinham deficiência, seja ela múltipla ou isolada. Foi determinado um tempo para a criação das estratégias que eles iriam utilizar para inclusão. As respostas obtidas dos participantes ocorreram no final da atividade, momento em que fizemos um grande círculo para discutirmos sobre as ações inclusivas. Nesse momento foi questionado para os participantes, e em especial para aqueles que vivenciaram as deficiências, como eles se sentiram durante a realização da atividade? Se foram realmente incluídos?

Durante o desenvolvimento das ações foi observado que alguns dos participantes não conseguiram uma participação ativa em virtude de não saber lidar com a deficiência do outro. Foi identificado que os participantes dos dois primeiros grupos [que não tinham deficiência] tiveram certa dificuldade em encontrar uma forma de incluir. A exemplo do grupo 01, onde havia uma “aluna surda” os demais participantes em vários momentos esqueciam da deficiência e davam comando verbal para ela durante a atividade. Quando

os demais participantes percebiam que ela não ouvia, tentavam se comunicar através de mímicas e gestos. Ao ser indagada sobre como ela se sentia durante a atividade a participante respondeu:

Eu me senti excluída! Porque?! Como minha colega tinha mais habilidade, então rapidinho ela fez. Elas começaram a conversar, eu não podia conversar com elas né [levou as mãos aos ouvidos] mesmo eu as vezes dando risada eu não podia interagir com elas, porque a maior parte do tempo elas estavam todas focada, digamos eu não sabia o que estava acontecendo e o trabalho foi feito, a única coisa que eu fiz foi uns risquinhos aqui [mostrou para o trabalho] quando a colega A, depois que já tava terminando ela falou óh [fez o gesto com as mãos sobre o papel [risos]]. Realmente se eu fosse uma pessoa surda eu só saberia o que estaria sendo feito no final. (P3)

Pesquisadora: “Ninguém te explicou o que iria ser feito?”

Participante P3: Não. Bem depois porque aí eu realmente não estava entendendo, foi aí que ela pegou apontou para a colega e fez o sinal de trança da Rapunzel, daí que eu entendi o que estava sendo feito, mas até então [balançou a cabeça de forma negativa].

Participante P2: Mas aqui para nós, também é assim, no começo nós esquecemos das dificuldades dela né! A gente começa a falar, assim, como se ela estivesse ouvindo, entendeu?! Em alguns momentos a gente esquece mesmo!

A falta de comunicação vivenciada pelo grupo é algo que pode acontecer no ambiente escolar. Se em algum momento o professor se comunicar de forma inadequada e desconsiderar as individualidades dos alunos, simplesmente aqueles com limitações não entenderão a proposta didática, o que consequentemente comprometerá a compreensão dos comandos e sua participação na aula. Nestes casos é necessário que os professores fiquem atentos a comunicação, e se precisar, repetir as instruções para melhorar o processo de inclusão dos alunos com DM.

No grupo 02 o participante que representava ter deficiência visual ficou excluído bastante tempo, apenas com a caixa de lápis de cor nas mãos, sem ter auxílio dos outros, ou seja, ficou sem participar da atividade. Somente no final foi convidado a ajudar recortar o desenho. Neste mesmo grupo havia um participante que simulou que tinha deficiência física (Hemiplegia), porém ele participou o tempo todo da atividade.

Os professores desse grupo sentiram dificuldade em incluir alunos com deficiência visual, ao se concentrar na atividade esqueceram do colega deficiente visual e não pensaram em estratégias para uma participação ativa deste aluno. Ao ser questionado como eles se sentiram durante a atividade o P5 respondeu que:

Bom, eu participei da construção do castelo, fiquei com a função de pintar [...]

Pesquisadora: você se sentiu incluído ou excluído?

P5: Sim, como eu tive uma função eu me senti incluído né, para mim foi tranquilo. Se fosse agora alguma coisa assim, mais, que cuidasse mais da parte corporal ali, da motricidade, acho que seria um pouco mais difícil.

A atividade que o P5 desenvolveu pareceu simples diante da situação da deficiência vivenciada por ele, como tinha comprometimento apenas de um lado do corpo no outro tinha habilidade e domínio suficiente para realizar a pintura do desenho, neste caso como ele mesmo ressalta foi incluído porque não exigia uma habilidade maior, por exemplo se fosse um jogo que exigia dele correr, caminhar e saltar, possivelmente não teria muita chance de ser incluído, pois seu comprometimento motor poderia se tornar um empecilho para realização da atividade.

É importante que na hora de planejar as atividades práticas o professor proponha atividades em que todos sejam capazes de executar, se o aluno não consegue correr, por exemplo, ele pode participar da forma como ele julgar melhor para sua participação, no caso de não conseguir fazer, o aluno pode pedir orientação e ajuda do professor ou até mesmo dos próprios colegas para encontrar a melhor forma de participar ativamente daquilo que foi proposto. O que não pode acontecer é realizar atividades que não sejam desafiadoras para o aluno, pois isso poderá desmotiva-lo, tanto a ele quanto a turma, ou propor atividade que estejam além das habilidades individuais daqueles sujeitos.

Conforme destaca Matonan (2015, p. 74) “[...] as atividades precisam ser desafiadoras para estimular os alunos a realizá-las segundo seus níveis de compreensão e desempenho”. Para realizar a inclusão é preciso entender que os jogos ou brincadeiras representam um meio para que o aluno possa apreender, e para isso é primordial que o aluno se sinta desafiado e parte integrante do grupo para que haja motivação para participar ativamente.

Abaixo segue a imagem que demonstra a realização da oficina simulando atendimento à deficiência visual e física:

Imagem 2 - Deficiente Visual e Física



Fonte: Regiane Caris dos Santos

Conforme relata o participante P7, que ficou com os olhos vendados com tapa olhos para vivenciar uma pessoa com deficiência visual, como mostra a imagem 2, mostra o seguinte:

É, o pouco instante que fiquei cego aqui é [...] a gente vivenciou uma realidade é, foi muito importante a preocupação deles de estar me incluindo. Uma coisa bem real, foi uma observação que eu fiz, que realmente acontece [apontou para o colega] quando ele dizia- ah mas eu fiz tão bem desenhado, agora ele vai cortar e estragar [risos]. Ele falou uma coisa real, que é justamente que acontece. Sempre tem aquele aluno que acha assim, que o especial né, não é capaz, vai estragar, vai botar a coisa a perder né, então são vivências que né, que realmente a gente vive na prática, então a gente vive toda essa realidade. Pesquisadora: Para você ouvir ele falando que você iria estragar, qual foi seu sentimento?

Participante P7: É, a princípio né, assim, falando como cego né, eu me sentir assim, um pouco pra baixo, porque, eu me senti assim: Poxa ele não confia em mim! [...].

Outra coisa que eu senti durante todo o processo aqui, aquela preocupação com a construção do castelo, a gente sente uma certa ansiedade né, de querer tá realmente participando, querendo saber o que tá acontecendo e como tá ficando [...]

Na fala do professor o sentimento de insegurança e ansiedade de querer participar, mas não saber como iniciar, é um fato que pode acontecer com o aluno deficiente durante

as aulas. A experiência vivenciada pelo docente nos faz refletir sobre a forma como um aluno se sente quando não são transmitidas as informações adequadamente do que será feito e como será desenvolvido. No caso do aluno DM que possui a deficiência visual, o ideal é que seja explicado a atividade e seus objetivos e durante a execução os colegas e os professores poderão dar orientações e ajuda necessária para que ele consiga participar e realizar o que foi proposto. Neste grupo alguns professores se preocuparam em incluir o outro membro do grupo na atividade, alguns inclusive orientaram a forma que o professor com deficiência deveria proceder durante e ao longo da confecção do castelo. Desta forma que o grupo encontrou maneiras de como poderiam trabalhar juntos para atingir o objetivo proposto.

Outro fator que chamou atenção foi o fato dos professores não terem que adaptar a atividade, por mais que o P7 (professor que representava o aluno com deficiência) se sentisse inseguro, ele foi o tempo todo orientado e conseguiu finalizar a atividade. É preciso estarmos atentos na nossa prática docente para identificarmos os desafios que os EPAEE enfrentam no seu dia a dia, em especial durante a realização das atividades propostas nas aulas de Educação Física. A atividade do castelo para alguns pode ser muito simples, mas para outros pode ter vários desafios, por isso que a observação por parte do docente e o acompanhamento durante a atividade é primordial para que consiga identificar os desafios enfrentados pelos alunos, e ao fazer esta identificação, pensar em estratégias para que as aulas atendam a todos. Vale ressaltar que não basta pensar em atividades diferenciadas para os alunos da Educação Especial, pois se assim for, não estará fazendo inclusão, e sim excluindo os alunos de chegarem ao seu potencial de aprendizagem.

É importante que os professores esclareçam para os alunos o tipo de atividade que está sendo proposta, e quais os objetivos e competências estão buscando desenvolver. A exemplo do que aconteceu com o P7, que foi orientado durante as etapas da atividade, mas dificultou a sua participação em razão de não saber o propósito final.

Como o professor não conseguiu compreender como ficou o castelo que o grupo criou a pesquisadora perguntou ao grande grupo: “diante deste questionamento, o que nós poderíamos fazer para este aluno conseguir identificar o castelo?” Algumas estratégias foram apresentadas pelos professores, como: Fazer o castelo em alto relevo, recortar o castelo, colar restos das pontas de lápis (aparas) no desenho, colar recortes (mosaico) e colar barbante nos contornos.

Nos dois últimos grupos (03 e 04) foi observado que os participantes que tinham deficiência tiveram muita atenção, pode se dizer que ocorreu o oposto dos dois primeiros grupos, nestes casos quem ficou excluído foram os participantes sem deficiência, como no caso do grupo 3 onde havia uma participante com deficiência visual e física (Múltipla) a atenção ficou concentrada somente nele, a professora dava os comandos e buscava estratégias de como ele poderia pegar no lápis para desenhar e pintar. Na primeira tentativa de adaptação, ela pediu para que o colega usasse a boca para pintar, mas ele não se adequou com essa adaptação, ele pediu novamente para ele usar os dedos do pé, momento em que conseguiu realizar a atividade como mostra a Imagem 03.

Algumas atividades podem parecer fáceis para alguns, mas é preciso que o professor estimule todos a participarem, mesmo que colaborando com os outros colegas para ninguém ficar de fora na construção das atividades:

Imagem 3 - Deficiência Múltipla



Fonte: Regiane Caris dos Santos

A postura da professora diante da situação vivenciada foi de recriar possibilidades para que o aluno pudesse desenvolver a atividade de forma independente, contribuindo assim para inclusão, pois quando o professor oferece condições e possibilidades de o aluno descobrir uma forma ou meio de realizar a atividade, está também favorecendo a participação e o aprendizado daqueles alunos. Como aponta Mantoan (2015), a sala de aula é um local de pesquisa, experimentação, comunicação e compartilhamento de resultados, nela o professor poderá criar, selecionar e apresentar atividades diversificadas. Silva (2017) acrescenta que deve se criar e adaptar quando necessário recursos didáticos

que favoreçam a aprendizagem de todos, tal como pode ser observado na experiência ocorrida com o grupo que atuou como DM.

Ao ser perguntado se ele tinha sido incluído ou excluído, o P8 respondeu:

Eu me senti assim, muito incluído até explorado [risos]. Mas assim né, fora isso, como eles me acompanharam me deram assim, muita assistência é, descrevendo o que estava acontecendo, o que a gente ia fazer, então eu me senti parte o tempo todo assim, até tipo, me deram um espaço para protagonizar mais [...]

Ao participar do processo o aluno se sente incluído, e foi o que aconteceu neste grupo, porém, um fato pode ser percebido na imagem (3) em que podemos observar que um outro professor que fazia parte do grupo está um pouco distante, ele passou a maior parte do tempo observando o trabalho dos colegas, e pareceu receoso quanto a forma de conduzir o processo de execução da atividade. A professora deste grupo que tomou iniciativa de desenvolver o processo de adaptação (de como o professor deveria encontrar uma forma para executar a atividade) relatou que já havia trabalhado por alguns anos na Associação de Pais e Alunos dos Excepcionais (APAE) do município, talvez por acreditar que ela estava mais preparada o professor deixou ela conduzir o participante durante a atividade.

Contudo, Mantoan (2015, p. 74) nos traz uma reflexão importante quanto a participação de todos em atividade escolares “não se excluirá nenhum aluno das atividades nem serão oferecidas a alguns (o que sabem menos) atividade adaptadas, facilitadas.” Isso significa que a participação de todos no momento da execução das atividades é essencial para que ninguém fique sem apreender e atingir os objetivos didáticos propostos pelo docente.

No quarto grupo os participantes se concentraram apenas nos deficientes e deram suporte a eles, construindo juntos a atividade. Com relação a isso, Paula (2015) ressalta que não se deve “adaptar demais”, pois o excesso descaracteriza o exercício e desmotiva os estudantes, mas deve sempre manter o propósito original da atividade. Silva (2017) acrescenta que seria bom que os professores trabalhassem com grupos de forma cooperativa com instruções e metas bem claras, levando sempre em consideração as características de cada aluno. Por isso é bom que as atividades não sejam adaptadas demais, pois podem se tornar desinteressante para o restante da turma pelo fato de ter exclusividade naquele jogo ou brincadeira.

No grupo onde havia um DM com deficiente intelectual e visual, o professor P17 que vivenciou relata: “A questão dos deficientes aqui foi incluída né! ” Ele explica como fizeram algumas adaptações para realizar a tarefa. Com a caixa do lápis de cor eles montaram as paredes do castelo para que o aluno cego pudesse fazer o contorno da caixa com o lápis, para a torre do castelo, o grupo utilizou o vidro de cola branca que dava a impressão da torre, isso permitiu o aluno com DM realizar a atividade juntamente com o grupo. Podemos observar que a experiência fez com que o grupo refletisse e buscasse maneiras criativas de incluir, esse tipo de vivência pode ajudar os alunos a trabalharem coletivamente e também a desenvolverem empatia pelo próximo.

Todos ajudaram o professor durante a atividade e esta ajuda é fundamental no processo de inclusão, normalmente os alunos do ensino fundamental I são sempre solidários e querem ajudar. Sobre isso, Silva (2017, p. 43) orienta que o professor “organize um rodízio diário para determinar quem vai auxiliar, quando necessário, o colega com deficiência.”

Depois dessa roda de reflexão sobre as experiências vivenciadas pelos professores, foi a vez de proporem ações e/ou atividades voltadas para alunos com deficiência múltipla. Todos os quatro grupos elaboraram uma atividade em que os alunos com deficiência múltipla pudessem participar, assim como ficou estabelecido no sorteio mencionado anteriormente. Durante a realização das ações um professor do grupo era escolhido para vivenciar a deficiência e assim demonstrar como poderiam trabalhar com este aluno nas aulas de Educação Física, e partir disso, criar outras possibilidades de inclusão.

O primeiro grupo desenvolveu uma atividade para alunos com DM que caracterizava a deficiência física e intelectual, neste caso o deficiente não andava e a forma que os professores encontraram para exemplificar este aluno foi improvisando uma cadeira de rodas utilizando para isso de uma cadeira de escritório com rodinha. A atividade proposta foi um circuito onde foi realizada da seguinte forma: Formar duas filas, na fila que estava a aluna com “deficiência” foi utilizado uma cadeira de rodinha (tipo escritório). Para cada fila tinha uma vassoura e uma bola. Cada equipe teria que realizar um percurso conduzindo a bola com a vassoura e no final tentar acertar a meta e fazer gol. Quando foi a vez do colega DM cadeirante participar os professores pediram auxílio para os colegas para empurra a cadeira por todo percurso, assim facilitaria a aluna com DM de realizar toda a atividade e participar da brincadeira, conforme pode ser observada na imagem 4:

Imagem 4 - Circuito com Cadeirante



Fonte: Regiane Caris dos Santos

Esta atividade aparentemente não foi difícil para ser realizada pois além dos colegas ajudarem empurrando a cadeira da participante ela tinha auxílio das mãos para conduzir a bola com a vassoura. Levando em consideração esta situação, ao finalizar a atividade a pesquisadora fez a seguinte pergunta para os professores: “Qual outras adaptações seriam possíveis para fazer nessa atividade?”. Algumas respostas obtidas pelos participantes foram:

P9: daria para a aluna jogar a bola com as mãos

P5: se a aluna possuir certa habilidade com as mãos, dá para ela conduzir a bola quicando como no basquete.

P: se o aluno conseguisse engatinhar ele poder sair da cadeira, os professores podem pedir para todos de cada equipe realizar a atividade engatinhando.

Podemos observar pela fala dos docentes que a simulação de inclusão no contexto escolar permitiu os docentes a refletir sobre novas ideias e possibilidades de inclusão. Ao envolver o aluno nas atividades o professor vai percebendo o que precisa ser ajustado, e a partir desta observação, surgem novas formas e meios de incluir o aluno. Silva (2017, p. 43) sugere que: “toda atividade realizada em sala de aula ou extraescolar, sejam feitas acomodações para que todos os alunos, inclusive aqueles com deficiência, possam participar conforme suas potencialidades e possibilidades”. A sugestão de adaptar algumas atividades pode ser muito positiva para incluir os alunos com DM, mas da mesma forma pode adaptar uma atividade para aqueles sem deficiência, por exemplo um aluno

que tenha uma destreza motora mais comprometida. De toda forma é preciso dosar para não adaptar demais e tirar o foco e o objetivo do jogo, brincadeira ou circuito.

O segundo grupo apresentou duas propostas, sendo a primeira uma atividade para alunos com DM que apresenta deficiência auditiva e intelectual, e a segunda para aluno DM com deficiência visual e intelectual. A primeira atividade tinha como objetivo além da inclusão melhorar a percepção visual e memorização, ela ocorreu da seguinte forma: A P6 solicitou que os outros participantes ficassem de costa para ela e seu grupo, assim que todos se viraram ela colocou algumas canetas coloridas sobre a cadeira e pediu para eles se virarem e que observassem as canetas coloridas sobre a cadeira. Depois que ficaram observando por alguns minutos foi solicitado novamente que todos se virassem e assim o fizeram. Enquanto os professores estavam de costas a P6 trocou a posição da cadeira e de algumas canetas coloridas e pediu para que os professores olhassem novamente para as canetas. A P6 perguntou: “vocês perceberam alguma mudança neste ambiente?” Os participantes continuaram observando e depois de alguns minutos conseguiram perceber que havia sido trocado as canetas coloridas e a posição da cadeira, apenas dois conseguiram avaliar a mudança.

Esta prática pedagógica aplicada pelo grupo é uma atividade que serve para toda turma pois favorece o aprendizado e memorização, no caso de haver alunos DM com deficiência auditiva junto com deficiência intelectual é preciso estar atento para qual nível de compreensão deste aluno, se ele já sabe diferenciar as cores, se ele está compreendendo a forma como o professor está se comunicando, ou se compreendeu o objetivo da atividade.

Neste sentido o P8 falou que quando ele tinha o aluno surdo ele explicava a atividade através de mímicas e gestos, já que ele não sabia Libras, e acrescentou:

Participante P8 diz: Eu acho complicado explicar essa atividade para o aluno. Participante P2 fala: eu acho assim, que toda vez quando a gente encontrar um aluno diferente na escola, a gente vai ter que pesquisar e ir atrás e ver como é que vou trabalhar com aquele aluno! Antes de passar a atividade primeiro vou estudar, planejar, como é que ele vai entender essa brincadeira, como é que eu vou passar para ele.

Podemos verificar que em alguns casos a falta de comunicação adequada é um fator que acaba dificultando o processo de inclusão, neste caso o aluno surdo que é alfabetizado pode não compreender os gestos do professor e por isso pode ficar sem realizar a atividade por não compreender as regras do jogo.

É importante também que seja feito um planejamento consistente, respeitando a individualidade de todos, faz-se necessário a busca constante de informações, formas de inclusão, orientações para as práticas com aqueles educandos, pois se não há um planejamento o professor fica sem saber por qual caminho conduzir suas aulas. O planejamento deve ser feito e seguido não somente quando se tem alunos da educação especial, mas sempre num sentido mais amplo para atender a todos (SILVA; ARRUDA, 2014).

Na segunda atividade o grupo propôs uma brincadeira para estimular a percepção tátil e sensibilidade:

Imagem 5 - Atividade de percepção tátil



Fonte: Regiane Caris dos Santos

Desenvolvimento da atividade: O professor P9 dividiu a turma em duas filas de forma que eles ficaram sentados um atrás do outro, o primeiro de cada fila estava vendado conforme mostra a imagem 5. O professor (P9) explicou para os participantes que o objetivo da brincadeira consistia em realizar um desenho em formas geométricas nas costas do colega que estava sentado em sua frente e ir desenhando até chegar no primeiro da fila o qual deveria desenhar em uma cartolina o que ele percebeu. Na frente de cada fila foram colocados uma cartolina e um lápis, para que os professores pudessem reproduzir o desenho que ele sentiu em seu corpo. O último de cada fila recebeu do professor um comando para desenhar uma determinada figura geométrica, e após isso, deveria desenhar com os dedos nas costas do colega da frente, até chegar no primeiro de cada fila.

Nessa atividade foi trabalhada as formas geométricas, o professor ressaltou que os alunos deveriam saber ou estar aprendendo as formas geométricas, mas também que é possível desenvolver com outros conteúdos. Os professores da fila 02 não conseguiram acertar a figura inicial que foi um triângulo, o P14 diz: “eu desenhei o que eu senti e foi um quadrado e não um triângulo, foi difícil”, já o P8 que fez parte do outro grupo falou: pra mim não foi muito difícil, no início é estranho, mas quando ele repetiu de novo o desenho eu percebi o que era e desenhei”.

Esta atividade foi importante porque permite que os professores vivenciem alguns desafios enfrentados pelos alunos com deficiência. Para um aluno que não tem deficiência pode parecer simples o processo de assimilar os comandos do professor, como por exemplo, ter que desenhar uma figura geométrica no corpo do outro, alguns alunos podem ter dificuldades em reconhecer.

O terceiro grupo propôs duas atividades para incluir alunos DM com Deficiência visual ou cegueira associada à deficiência física e Deficiência auditiva ou surdez associada à deficiência física. O P11 ficou sendo o líder do grupo 3 e começou explicando a brincadeira. Desenvolvimento da atividade: O primeiro passo é fazer duplas. Um de cada dupla deve usar um tapa olhos (venda de olhos). O objetivo da atividade é guiar o aluno cego de várias formas até bater na mão de um outro colega que fica como ponto de chegada, as duas duplas devem sair ao mesmo tempo afim de pontuar quem chega primeiro. O colega que não usa a venda deve guiar o outro apenas caminhando por um percurso na quadra e quando chegar no outro lado pedir para bater na palma da mão de alguém que está de braços abertos, depois deve voltar caminhado com o guia. A próxima etapa é realizar o mesmo percurso, não mais caminhado, mas trotando e por último eles devem tentar fazer todo percurso correndo.

Essa atividade chama atenção pela forma que é aplicada, no primeiro momento percebe-se que quem está com o tapa olhos deve criar um vínculo de confiança com seu par e para isso o P11 sempre alertava como deveriam se apoiar no outro. Ele dizia: “é bom lembrar que o aluno cego é que devem deve segurar em você e não você nele”. Esse contato faz com que o aluno cego se sinta confiante diante da atividade e tenha coragem e disposição para finalizar a brincadeira. É importante salientar que a aplicação da brincadeira teve início da parte mais simples para a mais complexas de forma gradativa fazendo com que o aluno assimile bem a atividade.

A segunda atividade que o grupo propôs foi um estafeta de cabeceio de bola. Desenvolvimento da Atividade: Deve colocar 4 cones um do lado do outro com um

espaço de pelo menos 1 metro de distância e 01 cone atrás deles com uns 2 ou 3 metros de distância, conforme mostra na imagem 6. O objetivo da atividade é se deslocar até o cone da frente e tentar acertar a bola com a cabeça (que é jogada pelo professor ou outro colega) e voltar no cone de trás correr e repetir esse processo em todos os 4 cones. A regra do jogo é não utilizar as mãos, que devem permanecer para trás ou juntas do corpo.

Imagem 6 - Estafeta de Cabeceio



Fonte: Regiane Caris dos Santos

A atividade descrita anteriormente foi desenvolvida para DM com deficiência auditiva ou surdez associada à deficiência física. Um DM que apresente deficiência auditiva ou física consegue realizar essa atividade, porém no caso deste aluno ter um comprometimento da locomoção mais agravado ou ser cadeirante o professor precisar pensar em como ele irá desenvolver essa atividade para o aluno participar. A P12 relatou: “quando tem que ficar com os braços juntos fica difícil, o aluno com deficiência, se for um cadeirante ou se não consegue ter muito movimento vai ter dificuldade”. Segundo Diehl (2006) os jogos não devem ser organizados de maneira rigorosa, mas como uma proposta que poderá ser alterada conforme a necessidade do grupo, levando sempre em consideração a criatividade, habilidade e a sociabilidade das crianças e jovens envolvidos.

No município alguns alunos DM são cadeirantes por isso é importante criar estratégias pedagógicas que favoreça a inclusão e que também não deixe o aluno ter o

risco de sofrer algum acidente na hora de realizar o jogo. Alguns fatores precisam ser levados em consideração na hora de elaborar e aplicar a atividade, Diehl (2006) aponta que as crianças e jovens com deficiência física possuem necessidades variadas, sendo que algumas possuem cadeira de rodas, outras podem precisar apenas de apoio, e outros possuem habilidade reduzida para os padrões motores convencionais básicos, como manter o equilíbrio do tronco, na posição sentada ou segurando uma bola. Às vezes, as crianças já nascem com o comprometimento motor, tendo de desenvolver habilidades básicas de acordo com seu aparato motor. Essa criança desenvolverá locomoção, manipulação de objetos e estabilização do corpo de maneira peculiar. Por outro lado, alguns jovens podem ter adquirido sua deficiência motora após desenvolver os padrões motores básicos. Dessa forma, o aluno terá que aprender as habilidades de locomoção, estabilização e manipulação de objetos, utilizando talvez alguns instrumentos como auxílio, mas o importante é que o espírito seja mantido, ou seja, os conceitos devem ser transmitidos de forma clara e divertida e a participação dos alunos devem ser sempre voluntária.

O último grupo (04) desenvolveu uma atividade para DM com deficiência Física e sensorial, como pode ser observado na imagem a seguir:

Imagem 1 - Circuito sensorial



Fonte: Regiane Caris dos Santos

A atividade desenvolvida caracteriza-se como sendo circuito sensorial, a P16 justifica porque quis realizar esta atividade “porque ela serve também para ser aplicada com alunos autistas, quando eu faço com eles, eles adoram”. Vale destacar que a P16 trabalha no Centro de Autismo de Ji-Paraná e por isso desenvolveu uma atividade que pode ser aproveitada por toda a turma, inclusive para os alunos DM.

O Circuito é desenvolvido da seguinte forma: precisará de cordas, colchonetes, e tapetes sensoriais (os tapetes utilizados na atividade foi confeccionado pela professora, havia tapete com textura finas, grossa, aveludadas e com bolinhas de vidro (gude). No início do circuito deve colocar duas pessoas segurando uma corda onde dá para alguém passar arrastando por baixo, depois engatinhar ou se arrastar por cima dos colchonetes, para aqueles que conseguem andar deverão caminhar descalço sobre os tapetes sensórias e depois visualizar as garrafas pets com água, brilho e alguns objetos dentro.

As brincadeiras sensoriais estimulam a inteligência e a criatividade das crianças por meio dos sentidos. O aprendizado torna-se melhor e maior quando as informações são processadas por mais de um dos sentidos ao mesmo tempo, neste caso os alunos puderam explorar várias habilidades motoras, entre elas: engatinhar, saltar, arrastar, visualizar e se equilibrar. As atividades sensoriais devem ser estimuladas na infância, e nesse sentido as aulas de Educação Física se tornam o momento ideal para que elas vivenciem e se desenvolvam.

É possível observar que todas as práticas pedagógicas realizadas pelos grupos contemplam de alguma forma a inclusão de alunos com DM. Conforme destaca Mantoan (2015) a inclusão é a participação de todos, essas práticas são exemplos simples de como o professor de Educação Física pode desenvolver uma aula para todos, inclusive para o aluno com deficiência. As oficinas e relatos propostos pelos participantes desconstróem algumas barreiras de que os DM são alunos impossíveis de incluir, embora todos tenham suas especificidades, é possível proporcionar meios de incluir a todos respeitando suas individualidades.

4 CONCLUSÃO

Constatou-se que as dificuldades dos professores de educação física para desenvolver práticas pedagógicas inclusivas de alunos com DM estão em conhecer melhor os tipos de deficiências e suas particularidades e também na comunicação. Observou-se que a comunicação com os alunos com DM é um dos elementos mais complexos e que fazem os docentes se sentirem inseguros e terem dificuldade para realizarem suas aulas. Foi constatado que a inclusão exige que o aluno compreenda o que está sendo proposto, isto é, o docente precisa falar com precisão e detalhes o que deve ser realizado e repetir as instruções quantas vezes for necessário.

Foi observado que as aulas Educação Física exigem planejamento para atender todas as diversidades e habilidades físicas e cognitivas, principalmente quando há alunos

com comprometimento físico ou intelectual, mas que situações e adaptações imediatas devem ser realizadas sempre que o docente identificar a necessidade. É importante que ao planejar as atividades práticas o professor proponha jogos e circuitos em que todos sejam capazes, se o aluno não consegue executar, o professor pode adaptar a brincadeira para incluir e até pedir ajuda para os demais alunos da turma. Foi evidenciado a necessidade da realização de atividades que sejam desafiadoras para todos os alunos, respeitando suas individualidades, mas ao mesmo tempo despertem a vontade de todos em participar.

Portanto, o professor de educação física precisa conhecer seus alunos e pensar sobre sua prática, se ela está sendo inclusiva ou excludente, e deste modo ofertar uma aula de qualidade que esteja sincronizada com as necessidades de todos os alunos.

REFERÊNCIAS

DIEHL, Rosilene Moraes. **Jogando com as Diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiência**. São Paulo- SP. Phorte, 2006.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES (Fenapaes). **Educação Profissional e Trabalho para pessoas com Deficiências Intelectual e Múltipla**. Brasília, DF: FENAPAES. 2011.

FOLLMANN, M.B. SBARAINI, Alex M. **Deficiências Múltiplas**. 2011. Disponível em: < <http://educacaoespecialturma1.blogspot.com/p/deficiencias-multiplas.html>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

GODÓI, Ana Maria de. **Educação Infantil. Saberes e Práticas da Inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla**. 4.ed. Brasília: MEC, 2006.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?** 1 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

PAULA, Fernanda, P. **Estratégias pedagógicas para a Educação Física inclusiva**. Instituto Rodrigues Mendes. Disponível em: < <https://diversa.org.br/artigos/estrategias-pedagogicas-para-a-educacao-fisica-inclusiva/>> Acesso em: 29 de abr. 2019.

SILVA, Ana Paula Mesquita da; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 5 – nº 1 – 2014. Disponível em <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf> . Acessado em 15/08/2019.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação Inclusiva: Práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões**. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.